

Anistiado político: PAULO SILVA DE JESUS

Data de nascimento:

Profissão:

Sou Paulo Silva de Jesus, filho de Jandira de Jesus e Ismail Augusto da Silva. Nasci em Palmelo, em uma família de 7 irmãos; dentre eles Ismael Silva de Jesus, assassinado em 1972, no 10º BC - Batalhão de Caçadores do Estado de Goiás, naquele período da ditadura em que ele ficou incomunicável durante 28 dias. Ele também nasceu em Palmelo. Somos de uma família espírita. Mudamos para Goiânia em 1958 e moramos na Vila Operária até 1972, quando ocorreu a tragédia com o Ismael.

Estudei o primário na Vila Operária, na escola Damiana da Cruz, escola municipal. E o Ismael também. Quando viemos para cá, meu pai foi nomeado pelo governador Mauro Borges para a guarda fiscal, posteriormente virou fiscal.

Eu tinha apenas 15 anos quando ocorreu a intervenção em Goiás, logo após o golpe militar de 1964. Estudei na Escola Técnica Federal; em 1962, 63 foi quando eu comecei ver as atividades estudantis, que eram muito efervescentes na época. Quando eu escutei falar do nome de Tarzan de Castro, Carlos Alberto Santa Cruz, James Alen eu não entendia bem o que estava acontecendo, mas me chamou a atenção aquela movimentação na Escola Técnica Federal.

MILITÂNCIA

Eu me transferi para o Colégio Estadual Professor Pedro Gomes em 1965. Nesse período, eu me aproximei do companheiro nosso, Pedro Torres, que já foi embora, trabalhava no Cinco de Março e era o presidente do Grêmio Literário Vander Borges do Colégio Estadual Professor Pedro Gomes, em Campinas/Goiânia. Fui trabalhar com ele no grêmio, e comecei a participar das atividades que naquele momento, em 65, ainda eram insipientes no movimento estudantil porque vínhamos da eclosão do golpe militar, da intervenção em Goiás. Eu não tinha muita visão, mas com a proximidade com o grêmio estudantil e as atividades estudantis comecei a ter mais contato com a política.

Foi no final do ano de 1965 que eu conheci o João Silva Neto e o Eli Alves Fortes, que veio a ser presidente da OAB de Goiás. Nesse período eles me apresentaram umas teses, uns documentos com as propostas e ideias do Partido Comunista Brasileiro, o PCB. Após um período de 6 meses de estudo, eu me ingressei no Partido Comunista Brasileiro, fazendo parte da célula estudantil do Colégio Professor Pedro Gomes. Nesse período nós fomos aprofundando as atividades do jeito que foi recrudescendo a violência militar, a interferência da ditadura na vida da nação, na vida dos brasileiros e de Goiás também. Foi quando eu tive mais contato.

Em 1968, logo após a morte daquele estudante no Calabouço, no Rio de Janeiro, espalhou-se no Brasil inteiro a revolta da juventude brasileira, comandada pelos estudantes. Aqui em Goiás, eu sempre notei o movimento estudantil secundarista muito forte e atuante. E foi,

então, que em 1968 fomos chamados pelo Juarez Maia, que iniciou o trabalho de reestruturação da Confederação Goiana dos Estudantes. Ao mesmo tempo tínhamos atividades no Grêmio Vander Borges do Colégio Pedro Gomes. Teve o processo eleitoral de sucessão do Colégio Pedro Gomes, que naquela época tinha quatro mil e quinhentos estudantes. Eu participei do processo eleitoral. Naquela época era possível votar em qualquer cargo (presidente, vice-presidente e secretários) de qualquer chapa. Foi eleita a chapa de oposição, que era comandada por Euler Ivo, o vice-presidente Vilmar Cardoso e o secretário geral Israel. Eu fazia parte da chapa que era situação, que era do partidão, PCB, e tinha como presidente o João Silva, Eli Alves como vice-presidente, e eu como secretário geral. Da minha chapa somente eu fui eleito. Tomamos posse em meio àquela movimentação de maio na França, que correu o mundo inteiro em 1968. E o Brasil não ficou separado daquela movimentação, daquela busca da juventude por maior liberdade, democracia e participação. Comecei a participar, uma movimentação muito intensa, muitos protestos na luta pela redemocratização do país.

PERSEGUIÇÕES E PRISÕES

Naquele período, no início do ano, já tinham sido expulsos do Colégio Pedro Gomes 24 pessoas; inclusive a minha irmã Ismailda, o Ismael Silva de Jesus e mais alguns companheiros. E no final do ano, no mês de setembro, todos nós fomos expulsos. Participavam com a gente, inclusive era da minha sala, o Stepan Nercessian, que é oriundo de uma família de esquerda que sempre lutou pelas liberdades e pela democracia.

Naquele período fomos todos expulsos, mas antes disso houve o congresso de reorganização da Confederação Goiana dos Estudantes, CGE, que sucedeu a UGES declarada extinta e proibida pelos militares no ano de 64. Daí para frente, eu fui eleito primeiro vice-presidente da Confederação Goiana dos Estudantes, a CGE.

Em 13 de dezembro começou o recrudescimento da violência militar, do regime ditatorial que veio abater sobre toda a sociedade. Como os estudantes eram os mais ativos, e aqui em Goiás os estudantes secundaristas eram muito ativos, e veio o Ato Institucional nº 5, houve uma perseguição muito grande. Alguns companheiros conseguiram se exilar, desaparecer e ir para a clandestinidade porque já estavam à procura deles.

No ano de 68 eu fui preso duas vezes, mas sempre levado ao 10º BC, hoje é 42º BIN. Sempre davam um jeito de nos prender às 6 horas da manhã. Eu já havia escapado deles por duas vezes pelos fundos de casa, os deixava esperando na porta. Mas tiveram outras duas vezes que não houve jeito: ia para o quartel e respondia aos questionamentos. Isso por conta das manifestações, das atividades de rua. Nesse período, eu já como vice-presidente (o presidente da Confederação Goiana de Estudantes, Léo Lince, passou no vestibular e foi para universidade, e eu assumi a presidência), foi quando as manifestações recrudesceram, e eu participei e organizei um trabalho de aproximação da ação de rua com os companheiros das universidades. Foi uma aproximação para participar dos comícios relâmpagos, das passeatas e das reuniões, sempre na luta em busca da democracia. Nesse período teve um assassinato: Nós estávamos em uma passeata, junto à Praça do Bandeirante, a polícia chegou e todos correram de um lado para o outro. Já tínhamos programado de nos encontrarmos em outro

ponto de Goiânia. Sempre acontecia isso, nós programávamos dois, três pontos para continuarmos as manifestações. Foi quando morreu um lavador de carro, me parece que na Rua 4 do Centro de Goiânia, muito parecido com o Euler. O Euler, um ativista muito organizado, um excelente agitador (era assim que a gente chamava naquela época), bom de trabalho. Nesse período nós ficamos sabendo que estavam à procura dele, então o levamos a um prédio na Avenida Goiás, foi quando eu o vi; depois só fui encontrá-lo novamente em 1979, com a anistia. Foi quando ele voltou.

Nesse período, o Tarzan de Castro e o James Alen já tinham sido presos. Tarzan na Ilha das Cobras - essa era toda a notícia que nos tínhamos. Já tinha ocorrido também o Congresso de Ibiúna, alguns companheiros nossos tinham ido para o congresso, onde houve aquela prisão em massa. Tenho lembranças de alguns companheiros que foram para Ibiúna e depois para o exílio. E eu sempre participando do movimento estudantil e do movimento político em Goiás.

Fui preso. Tinha duas atuações (para fazer atividade ilegal tínhamos que estar num partido político). Logo após a mudança do sistema partidário, quando nasceu a Arena e o MDB, fui trabalhar com o MDB - todos nós ingressamos no MDB e fazíamos parte da Corrente dos Autênticos. Aqui em Goiás tínhamos o Fernando Cunha, Divino Dorneles, Tobias Alves, Iran Saraiva, Derval de Paiva que hoje está no Tocantins, todos eles faziam parte dessas atividades, da atividade ilegal na luta contra a ditadura. Com a edição do AI5, em 13 de dezembro de 1968, continuamos nossas atividades e o movimento sempre recrudescendo, e a gente sempre se organizando, mas no dia 13 de abril 1969 fomos presos - a nossa base, Comitê Secundarista do Partido Comunista Brasileiro. Quem coordenava o movimento secundarista do partidão, do PCB, era o Comitê Secundarista. Estávamos reunidos no Setor Norte Ferroviário, num domingo, e fomos presos por volta das 9 horas da noite. Nesse período de 69, fomos presos e ficamos no 10º BC.

Eu lembro que iria ter uma festa no 10º BC e eles tinham que tirar os presos de lá, estávamos todos lá. Éramos oito pessoas: o Felix Valoá Bezerra, Léo Lince, Mauro Curado Brom, eu, Elias Moreira Borges, Antonio Batista, o nosso Toninho, e o Zoelton. Fomos presos. O pessoal mais novo do partido, inclusive o meu irmão Ismael Silva de Jesus, o Vieira de Melo e o pessoal mais novo que a gente, que no início de 1967 tinha ingressado no partido (o Ismael, o Vieira de Melo, a Dalva, Pedro Célio que hoje é um grande cientista político), como eles não sabiam como estávamos, deram início a uma atividade mais intensa do partido, com pichações, com movimentação e panfletagens, que era justamente para nos proteger lá dentro. Fomos presos e ficamos dois dias e uma noite na Polícia Federal, na Rua 2 com a Avenida Goiás, no Centro de Goiânia. Depois fomos levados para o 10º BC, para o quartel onde ficamos; depois fomos transferidos para a Casa de Detenção, que era na Avenida Independência, perto do Parque Mutirama; e de lá, como estava muito lotado, nos mandaram para o antigo Cepaigo, hoje Coronel Aldemir Guimarães, até sermos transferidos para Juiz de Fora, que era a 11ª Região Militar, que hoje é em Brasília, para onde todo o pessoal nosso do Centro Oeste era transportado para os instrumentos de condenação, essas coisas todas. Nesse período nós tivemos uma sorte muito grande. Nós ficamos presos, mas o comandante da Polícia Federal era muito amigo do Mauro Curado Brom, dos irmãos dele, de toda família dele da cidade Goiás. Nós sofremos muita pressão nesse período, mas somente pressão psicológica. Existia um delegado que todos tinham medo dele, porque ele era sangrento mesmo. Mesmo ele tendo sido criado na época, tendo tido seus estudos bancados por companheiros mais antigos (ele tinha feito parte da turma de Tarzan de Castro, de James Alen, desse pessoal mais antigo e de muitos outros, que nesse momento eu não me lembro)

que o ajudaram a estudar, fazer universidade, ele virou policial e foi um dos que comandou muita tortura em Goiás. Enquanto isso, o Ismael, essa turma mais nova tocou as atividades.

Eu fiquei um ano na cadeia, mas foi em 1972, com o Médici, que recrudescer mais a ditadura no Brasil e em Goiás. Eu me lembro muito bem de quando desapareceu o Marco Antônio, que era irmão do Mirim, dos companheiros nossos que estão aí, alguns jornalistas, o Renato Dias, Antonio Batista. Ele desapareceu e até hoje, ninguém sabe e nem tem notícias dele. Sua mãe foi uma grande guerreira, morreu vindo de Brasília, tentando uma audiência com o vice-presidente da República, na busca do filho. E ele, naquele período, tinha 15 anos.

Em 1972 houve uma prisão em massa. No Brasil a gente sabia que alguns companheiros formaram outros partidos, alguns partidos clandestinos como a Polop, Var Palmares, ALN que foram para a luta armada, e mesmo o PCdoB que começou as atividades da Guerrilha do Araguaia. Nesse período eles deixaram o partidão mais quieto, mas nunca deixaram de prender seus membros, sempre recrudescendo. Embora nós do partidão também tivéssemos treinamentos militar, alguns treinamentos pequenos para saber como funcionavam os armamentos e essas coisas todas, a orientação era para que não fôssemos para a luta armada. Porque nós não tínhamos condições bélicas nem materiais de enfrentar um exército convencional. Eu acho que o partidão, o PCB, ele foi o mais procurado, mais massacrado no período do Médici e do Geisel, porque eles já tinham acabado com os nossos companheiros. Todos esses companheiros que foram para a luta armada tiveram que ir para a clandestinidade ou foram assassinados, como o Marighella e o Lamarca. Passado esse período, é que eles vieram. Esse é o entendimento que eu tenho hoje do que aconteceu com aqueles companheiros que foram para a luta armada.

A partir de 197 foram presos alguns companheiros em Brasília, e aí foram caindo pessoas em Anápolis, muitos companheiros em Anápolis, e também em Goiânia, quando foi presa aqui grande parte dos companheiros que militavam no Comitê Municipal do PCB, e do Estadual. Houve no Brasil inteiro um grande assassinato de companheiros do Comitê Central. Os companheiros do Comitê Central Brasileiro tiveram que fugir do país, os que deram conta. Foi dizimada mais da metade do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro daquele período. E aqui em Goiás não foi diferente. O Ismael era um dos mais novos, era o mais novo daquela turma que tinha o Wilmar Alves, que foi preso; o João Silva Neto, o Aguinaldo Lázaro Leão, que estava servindo o Exército. Todos eles foram presos, e muitos outros companheiros que a gente ficaria aqui citando o nome deles por muito tempo.

ISMAEL SILVA

Como ele era o mais novo e era muito ativo, e ao mesmo tempo tranquilo, ele conseguia cumprir a suas agendas. Ele era mais novo do que eu três anos. Ele dava conta de trabalhar, de estudar e de cumprir todas as suas atividades dentro do partido (PCB) e ainda as atividades juntas ao MDB, atividades legais da luta contra a ditadura. Ele sendo mais novo, era também responsável pela tesouraria da sua base, era responsável pela Biblioteca Municipal do Partidão em Goiânia. E sendo mais novo, ele, parece-me, foi o escolhido para a tortura. Todos eles foram muito torturados. O Ismael foi preso no começo de julho e ficou 28 dias incomunicáveis. Quando nós o recebemos, no dia 9 de agosto, nós recebemos o seu corpo.

Meu pai, um dia antes, ao chegar no 10º BC para levar roupas e algumas frutas para ele, notou os soldados rasos todos nervosos. E como ele tinha feito amizade, tinha conhecimento com o chefe da Polícia Federal, o Antônio Jesus Lisboa, quando da minha prisão em 69, ele o procurou. Porque, me parece, que o Antônio Jesus Lisboa era espírita: o meu pai e todos nós éramos espíritas. O meu pai falou pra ele: “Você me falou que não estava ocorrendo torturas. Tem alguma coisa estranha, eles estão fazendo alguma coisa com o meu filho.” O Antônio Lisboa entrou em contato com o pessoal do Exército e informou ao meu pai: “Olha seu filho morreu, seu filho suicidou-se. Isso que eles me falaram.” Meu pai foi lá, e eles publicaram uma nota na Folha de Goiás que ele teria se suicidado em uma cela do 10º BC, no Pavilhão do Comando. E por ironia o nome do Pavilhão de Comando, a abreviatura era PC. E eu por acaso tinha sido preso e fiquei preso nessa mesma cela. Que é uma cela que quando você entra preso, eles tiram o cadarço do seu sapato, eles tiram o seu cinto. Não tem persiana, eles não deixam nada que possa facilitar o suicídio ou algum acontecimento. Sempre fazem isso, porque o Estado na verdade é o responsável pela vida de quem ele prende, de quem esta sob sua custódia. E eu tinha sido preso ali e não tinha naquela época, quando eu fui preso há dois anos, não existia persiana e nenhum instrumento. Eles tiram tudo da gente. Até o vaso sanitário dessas celas é daqueles que só coloca o pé; ele é achatado. Existiam muito nos banheiros aqueles objetos para pendurar roupas, ou toalhas; eram umas pontinhas de porcelana que ficavam para cima e que, se você pressionasse, quebravam. E eles pegaram o Ismael, e após a tortura sempre faziam... Isso só depois o Aguinaldo me contou. Foi ele quem nos avisou em casa, porque ele estava servindo o Exército, era do Partido Comunista e da mesma turma, e ainda não tinha sido preso. Ele foi lá em casa com a roupa do corpo e falou: “O Ismael me falou que não aguenta mais tanta tortura; ele não sabe se aguenta, ele está sendo muito torturado.” Posteriormente ele me contou que a casa onde se faziam as torturas era a última casa do lado esquerdo da Vila Militar, que fica do lado esquerdo quando você chega em frente ao 10º BC (hoje 41º BIN). Eles levavam as pessoas ali para serem torturadas, para confessarem alguma coisa.

Eles nos entregaram o corpo do Ismael no dia 9 de agosto. E fui eu quem abriu a mão dele. Com 28 dias a unha estava muito grande, e ele estava com a unha cravada na mão. Eu abri a mão dele com muito custo: a unha grande e a mão perfurada, toda característica de retenção de nervo, que seria morte electrocutada, de tortura. Ele tinha do seu lado direito tudo preto, o seu olho direito vazado, a mão esquerda quebrada, era possível ver que estava quebrada. Eles nos entregaram o corpo desse jeito. Mas penduraram uma persiana, uma cordinha de persiana no seu pescoço, e o penduraram naquele instrumento de deixar a toalha. Colocaram a corda no pescoço e o deixaram no chão. Ele ficou com as nádegas mais ou menos as uns 20 centímetros do chão, com os pés estendidos e as mãos encostadas no chão, livres sem estar amarradas. Eu acho muito difícil uma pessoa se suicidar nesse ambiente.

Há uns 10 anos, no início do ano de 2000, o Mirim, que é o irmão do Marco Antônio, que desapareceu, ele descobriu no IML de Goiânia uma foto (há poucos meses dessa data sido publicada uma nova discussão sobre a morte do Herzog) e a foto do Herzog é a mesma foto dele, do mesmo jeitinho, pendurado para simular suicídio. O Mirim ao descobrir isso, mais ou menos no ano de 2002, ele falou, Paulo eu descobri uma foto, e me mostrou. Foi quando eu vi essa situação. Ele me perguntou se poderia publicar na revista Veja essa foto, e eu disse que sim, e saiu publicada na Veja. Falei, publica e guarda essa foto. E ele me deu outra foto dessa, que está em casa guardada. Então, ficou muito claro que ele foi morto torturado.

Eles nos entregaram o corpo na semana do dia 9 de agosto, nós o enterramos no dia 11 de agosto, e no dia 12 de agosto ele faria 19 anos. Hoje eu vejo jovens com 19 anos e vejo que naquele momento o que tocava a gente era a vontade de lutar. Porque são jovens, são crianças praticamente. Eu vi, eu fui preso nesse período, eu tinha 18 anos e fiz dezenove anos lá em Juiz de Fora. Naquele momento o que levava a gente era justamente o desejo de ter democracia, a liberdade. A gente só tinha o ideal da liberdade, da democracia, da distribuição de renda e das riquezas para todo mundo. Nós queríamos era justamente isso. E nós lutamos por isso.

Ficamos somente em seis irmãos, que eu ainda os tenho. Meu pai já faleceu e minha mãe também. E é aí que eu vejo que a nossa luta, até que enfim, valeu a pena. Apesar da desigualdade que nós temos hoje, o Brasil é um país maravilhoso. Mas é um país muito injusto ainda, pelo próprio sistema de distribuição de renda e de riqueza. Mas valeu a nossa luta e vou continuar nessa luta, agora para aperfeiçoar mais, para valer o desaparecimento do Marco Antônio, irmão do Mirim, do Renato Dias; para valer a morte do meu irmão e todos os sacrifícios que os nossos companheiros que foram para o exílio tiveram que enfrentar: O Lenine, a Marina irmã do Euler, que foi brutalmente seviciada aqui no Brasil, e depois no Chile. Quase que a mataram no Estádio Nacional, foi quando mataram mais gente naquele período que foi o período em que fizeram o acordo das ditaduras na América Latina, principalmente no Cone Sul. Então, as minhas lembranças são de muito sofrimento para os companheiros, mas o nosso ideal sempre colocou que nós teríamos mais o desejo de solidariedade, de companheirismo e de busca de liberdade para o povo brasileiro, não só para o povo brasileiro. Quem trabalhou, quem lutou, quem estudou; a amizade, a fraternidade que foi espalhada no mundo inteiro em busca do socialismo, sabe que a gente buscou primeiro os objetivos coletivos, e não os objetivos individuais, que todos têm direito, que é a busca da felicidade.

ANISTIA

Uma atividade que foi muito importante para a vida dos goianos, mas também para a vida dos brasileiros, foi a anistia. E essa anistia não começou em 1979 quando veio a Lei da Anistia, ela começou muito antes. Aqui, em Goiás, um grupo de estudantes, de perseguidos políticos e de pessoas que já tinham cumprido pena criou o Comitê Goiano pela Anistia. O primeiro presidente foi o Divino Dorneles, que na época era deputado estadual, ou federal; muito ativista. Era uma pessoa lá da Campininha, muito ativista. Sempre trabalhou junto ao pessoal mais carente e com o pessoal mais ativo politicamente. Então, muitos companheiros começaram essa luta e era uma luta frequente.

O Comitê teve uma atuação muito grande nas suas atuações políticas para trazer o nosso pessoal de volta, o pessoal que estava para o exterior, que tinha sido exilado. Já tinha passado aquele período mais cruel da ditadura. Era hora de reconciliar a Nação, de reconciliar o povo goiano com suas famílias. E nessa luta nós participamos, tivemos uma atuação. Eu não participava muito porque, nesse período, quando eu saí da cadeia, em 72, eu saí e prestei vestibular para Direito na Federal. Fui fazer Direito e já tinha me decidido nesse período qual caminho que eu queria no ramo de Direito, que era o Direito municipal, o Direito constitucional e fui trabalhar com municípios. Em 77 eu formei e nós estávamos em uma ação muito grande do Comitê Goiano pela Anistia. Eu viajava muito. Fazendo Direito, trabalhava

com outro companheiro que já tinha feito, e que, inclusive, nós nos conhecemos na prisão. Ele fazia parte daquele pessoal que foi preso em Minas Gerais, do grupo de Caparaó. Ele foi secretário geral do Clube do Sargento em Brasília, é o João do Lago Nogueira Paranaguá, que foi companheiro meu de trabalho por muito tempo e morreu em um desastre de avião, indo fazer uma defesa de um cliente no Paraná. Ele saiu primeiro que eu da cadeia; tinha sido condenado a 4 anos de prisão, e formou-se em Direito. Eu, saindo da cadeia, fui trabalhar com ele. Fui trabalhar com os municípios porque eu achava que trabalhando com municípios, acho que compensou, poderia influenciar a ação de algum prefeito, de algum vereador; poderia discutir a democracia, a verdadeira boa governança a partir do município. Para mim a nação existe, e é lá.

Eu participava do Comitê Goiano pela Anistia sempre que estava em Goiânia, e foi uma luta muito boa. Depois do João Divino Dorneles, foi grande presidente o Predo Wilson, que é até hoje um grande amigo meu que eu respeito muito, é uma pessoa que tem uma luta muito grande pelos direitos humanos. Ele tem primeiro os projetos coletivos e depois o individual - se é que ele tem algum projeto pessoal. O Pedro - eu sempre falo isso pra ele - sempre comandou muito bem.

O PLURALISMO POLÍTICO

Nesse período foi a formação dos partidos políticos, foi quando veio o pluralismo político. Eu estava no MDB e era do partidão, embora um pouco afastado naquele período porque tínhamos sido presos, mas algumas pessoas continuaram com o partidão. Nasceu o PT, e eu estava junto com esse pessoal na época. Eu lembro muito bem que o Olívio Dutra... Naquela precisava pegar assinatura em alguns estados, me parece que em nove estados; precisava ter um tanto de assinaturas. Lembro que nós estávamos em uma reunião de atividade política, começando a pensar no PT. A gente pensava, o Partido dos Trabalhadores vai ser mais popular, nós não vamos ser clandestinos, nós vamos ter uma ação mais efetiva... Eu sempre entendia que se fôssemos lutar pelo socialismo e comunismo diretamente, ficaríamos muito restritos na nossa ação política, porque estamos em um país de classe conservadora, e precisamos continuar trabalhando sindicatos, organização, conscientização, cultura e evolução. É o processo civilizatório. Eu achava que no PT nós iríamos fazer o trabalho. E realmente ele caminhou. Não do jeito, do pensamento que eu tenho de como gerir uma nação. Depois foi que eu entendi isso, mas fui um dos participantes. Quando Olívio Dutra passou, nós estávamos na casa paroquial, no fundo da Catedral Metropolitana. Ele passou com um livro colhendo assinaturas. Eu assinei, Pedro Wilson, parece que Atos Magno e alguns outros companheiros. Não sei se Delúbio, naquela época ele fazia parte do CPG, uma coisa assim - hoje Sintego. Eu lembro que nós assinamos, e muitos companheiros. E nós criamos o Núcleo 1º de Dezembro. Fazia parte Pedro Wilson, Sérgio Paulo Moreira, Clíce, Marco Antônio de Almeida Castro. Parece-me que Carlos Maranhão, os companheiros com os quais hoje estamos juntos. O Fernando Safatle... Vários companheiros. Tivemos uma atuação grande. E nessas atuações, na estruturação do PT, nos seus congressos, nas suas reuniões e nas suas decisões nós apresentávamos ideias, mas o pessoal do sindical foi quem ganhou a liderança, a direção dele. Então, apresentávamos ideias, e eles não discutiam as ideias, as nossas propostas de fazer um partido mais aberto para a sociedade. Nós entendíamos que trabalhador não era só o trabalhador que pega na enxada, nem o operário que está ali na metalúrgica. Nós entendíamos que todos os trabalhadores, professores, engenheiros, advogados, todos que

construíam o Brasil também eram trabalhadores, tinham que participar. Um partido para ser mais amplo, mais universal, que tivesse mais poder de chegar à base, à sociedade deveria ter essa pluralidade e conviver com a pluralidade de pensamento e de ideias. Mas eles sempre ganhavam e sempre nos massacravam nas votações sem discutir as ideias e as propostas.

Naquele período, o governador Henrique Santillo, que já era conhecido nosso, era senador, e era um dos autênticos – ele e o irmão dele, Ademar Santillo - sempre representava a gente no Congresso Nacional e nos apoiava em nossas lutas do movimento estudantil e na luta da anistia. Ele resolveu ser candidato a governador, e nos convidou, esses amigos. Nós devemos ter saído em torno de 30 a 40 pessoas do PT e fomos acompanhá-lo na caminhada para fazer a proposta de governo dele. A eleição foi em 1986, ganhamos as eleições com ele e o acompanhamos em seu governo. Em 1988 nasceu o PSDB. Grande parte dessas pessoas foi, e ele próprio pediu que a gente fosse. E ao estudar o PSDB, as pessoas que entraram nele: Franco Montoro, Euclides Calco, Mário Covas, Fernando Henrique, José Serra e muitos outros companheiros; o Richard, que ficou encarregado do Centro Oeste, e as ideias da social democracia, isso me cativou mais. Então, a maioria que estava com o Henrique Santillo foi para o PSDB, no qual estou até hoje.

Nesse período não deixei de ter contato com todos os partidos, fiquei nessa ação até 1985, 88 que foi mais ou menos quando eles deixaram de nos monitorar. Com a vinda da anistia, em 1979, foi que fui rever alguns companheiros que tinham ido embora: Lenine Bueno Monteiro, o Euler Ivo, o próprio Tarzan, e alguns presos que tinham ido embora. Eles voltaram e todos foram para a ação partidária.

Hoje nós estamos tentando esse progresso, evoluir dentro desse ordenamento jurídico que existe. Acho que de agora para frente nós teremos mais a contribuir, mas com luta mais firme para que a gente tenha reforma política e que seja mais profunda e descente. A Lei da Ficha Limpa é muito boa para estarmos atrás disso. Que nós façamos a reforma política, que tenha partidos que representem o pensamento brasileiro... Então, nós devemos levar adiante essa luta para aperfeiçoar o sistema democrático de forma a, também, democratizar a questão econômica para que toda a sociedade brasileira tenha as vantagens do desenvolvimento econômico e da verdadeira vida em sociedade. Que todos tenham direito à educação e à saúde. Devemos estar nessa luta, e todos os companheiros estão.

Eu queria só fazer um breve período. A nossa luta na época da fundação do PT, eu vi que nós estávamos certos depois pela história. O PT só veio mesmo a influenciar a sociedade brasileira - como está sendo feito até hoje, que fez com o Lula e está fazendo com a Dilma, que está tendo um avanço ainda maior, e o período também é outro - depois que ele começou a pegar justamente as nossas ideias na época, que era abrir o partido para a sociedade. Para ter o apoio de toda sociedade organizada e de todos os seguimentos sociais; que o empresário não é nosso inimigo, ele precisa de controle; o capital financeiro precisa de controle para que, com controle em cima dele, o seu lucro vire benefício para a sociedade, e vire para todos nós, para conseguirmos ser realmente uma federação. O maior erro da nossa elite política, e que eu sempre lutei e vou continuar lutando, é por uma reforma essencial para mim, que é a rediscussão do Pacto Federativo para a nação brasileira reencontrar com a nação verdadeira brasileira; com a realidade brasileira, a verdadeira Nação que é o povo, que é o município. Porque ninguém nasce na União, ninguém nasce no estado, ele nasce, vive, e tem alegrias, e tristezas, e produz é no município. É preciso rediscutir o Pacto Federativo; os municípios merecem recursos, porque o povo mora é nele. Aí mora a verdadeira nação, o verdadeiro Brasil.

